



Teologia, antropologia e ética no pensamento de Santo Agostinho

A entrada do Deus revelado na cena da filosofia altera radicalmente as categorias gregas, tais como a noção de bem e de mal. Consequentemente, ela transforma profundamente o pensamento ocidental no que diz respeito a Deus e ao homem, exigindo que a filosofia repense uma nova antropologia e uma nova ética.



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Júlio Maria Fonseca Chebli – Reitor
Marcos Vinício Chein Feres – Vice-Reitor

Instituto de Ciências Humanas
Altemir José Gonçalves Barbosa – Diretor
Ricardo Tavares Zaidan – Vice-diretor

Departamento de Filosofia
Juarez Gomes Sofiste – Chefe de Departamento
Mário José dos Santos – Coordenador do Curso
Antônio Henrique Campolina Martins – Diretor da Revista

Faculdade de Direito
Aline Araújo Passos – Diretora
Raquel Bellini de Oliveira Salles – Vice-diretora
Denis Franco Silva – Coordenador do PPG em Direito e Inovação
Vicente Riccio Neto – Vice-coordenador do PPG em Direito e Inovação

Comissão executiva

É:
Revista
Ética e
Filosofia Política

ISSN: 1414-3917

Antonio Henrique Campolina Martins – Editor
Marcos Vinicio Chein Feres – Co-Editor
Clinger Cleir Silva Bernardes – Editoração Eletrônica
Camila Fonseca de Oliveira Calderano – Secretária

Conselho Editorial

Antonio Cota Marçal (UFMG)
Bruno Amaro Lacerda (UFJF)
Gustavo Arja Castañon (UFJF)
José Henrique Santos (UFMG)
Luciano Caldas Camerino (UFJF)
Luciano Donizetti da Silva (UFJF)
Manoela Roland Carneiro (UFJF)
Nathalie Barbosa de La Cadena (UFJF)
Pedro Henrique Barros Geraldo (Universidade de Montpellier)
Paulo Afonso Araújo (UFJF)
Ricardo Vélez Rodríguez (UFJF)
Roberto Markenson (UFPB)
Ronaldo Duarte da Silva (UFJF)
Thereza Calvet de Magalhães (UFMG)
Wolfram Högbe (Universidade de Bonn)

www.ufjf.br/eticaefilosofia

Sumário

Editorial <i>Pedro Calixto F. Filho</i>	1
Artigos	
Crede et Intellegere, A articulação fé-intelecção como fundamento da ascensão intelectual no De Libero arbítrio <i>Roberto Carlos Pignatari</i>	6
Estudo comparativo das obras de François Decret e Pio de Luis sobre o Maniqueísmo <i>Humberto Schubert Coelho</i>	44
A beleza ontológica na cosmologia filosófica de Santo Agostinho <i>Ricardo E. Brandão</i>	54
Plotinus in Magistro? A Antropologia Tricotômica e Dual da Regula Magistri <i>Antônio Henrique Campolina Martins</i>	74
A Estrutura da Sensação na cognição sensível em Santo Agostinho <i>Ricardo E. Brandão</i>	92
Sexualidade e Gênero no Pensamento Filosófico Cristão: Breve comparação entre concepções naturalistas e personalistas <i>Luciano Caldas Camerino</i>	105
A Fundamentação da Antropologia Agostiniana no De Trinitate <i>Fábio Dalpra</i>	118
As provas da arte retórica: êthos, páthos, logos nas Confissões de Agostinho de Hipona <i>Ricardo Reali Taurisano</i>	129
A Ética como Articulação da Bondade e da Vontade do Humano e do Divino no Pensamento de Agostinho <i>Pedro Calixto F. Filho</i>	176

Editorial

Aurelius Augustinus Hipponensis (354-430), mais conhecido como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teóricos da antiguidade tardia. Obviamente, o pensamento cristão não começa com o bispo de Hipona. Toda a patrística que o precedeu possui sua grandeza própria. Porém, nestes séculos atormentados que foram os IVº e Vº – depois da emergência de Constantinopla, saque de Roma... – algo novo começa ser tecido no próprio seio da teologia cristã, a saber: o diálogo intenso e profundo com a filosofia grega. Agostinho toma consciência de que a entrada do Deus relevado na cena da filosofia altera radicalmente as categorias oriundas da filosofia grega e vice-versa. Esse fértil diálogo vai transformar profundamente o pensamento ocidental no que diz respeito a Deus e ao homem exigindo que o pensamento filosófico elabore uma nova cosmologia, uma nova antropologia e, conseqüentemente, uma nova ética.

Essas transformações vão marcar profundamente o Ocidental, pois a filosofia agostiniana será fonte de inspiração de muitos dos grandes espíritos medievais, modernos e contemporâneos. Este volume da Revista de Ética e Filosofia Política da UFJF, dedicado inteiramente a Agostinho, é o resultado de um esforço para reunir artigos inéditos que desvelam a novidade e amplitude da filosofia agostiniana.

Este fértil diálogo entre filosofia e teologia torna-se visível no artigo *Credere et Intellegere, A articulação fé-intelecção como fundamento da ascensão intelectual no De Libero arbítrio*, onde Roberto Carlos Pignatari demonstra que a

teologia racional de Agostinho nos diálogos de Cassiciaco-Roma é determinada pela polaridade *credere-intelligere* enquanto articulação necessária para a ascensão do conhecimento humano. É na simultaneidade deste binômio que se mostrará o essencial da concepção agostiniana do conhecimento. Todo conhecimento prévio assentido *in credere* enseja sua consumação *in intelligere*. Fé e razão estão longe de se opor, elas são complementares. É essa complementaridade que faz de Agostinho o primeiro grande filósofo latino.

É notório que suas interrogações filosóficas foram profundamente marcadas pelo maniqueísmo. Humberto Schubert Coelho, em seu estudo comparativo das obras de *François Decret* e *Pio de Luis sobre o Maniqueísmo* nos apresenta o quadro geral da filosofia maniqueísta. Este estudo é de suma importância para a compreensão da atitude agostiniana face ao Maniqueísmo. Ele nos revela que a guerra ideológica contra os maniqueus, como outras tantas que Agostinho travou, não o tornaram o melhor expositor de suas doutrinas. Além disso, as respostas dos maniqueus sugerem que Agostinho desconhece os mistérios mais profundos do credo professado por eles. No entanto, o Maniqueísmo marcou profundamente o pensamento de Agostinho, principalmente no que concerne as interrogações propriamente filosóficas que o bispo de Hipona desenvolverá mais tarde: a questão metafísica e ética da origem do mal é um exemplo palpável dessa influência.

Porém, uma primeira ruptura para com o Maniqueísmo se dá graças à influência neoplatônica no que diz respeito à filosofia da natureza. Em *A beleza ontológica na cosmologia filosófica de Santo Agostinho*, Ricardo E. Brandão procura mostrar que, contra os maniqueus, Agostinho defende a tese de que o cosmos é necessariamente belo: um Deus perfeitíssimo, não poderia criar um mundo imperfeito, mal e desprovido de beleza. Portanto, o

mundo é por natureza bom e belo. E sua beleza nada mais é que um convite à elevação.

Essa ruptura para com o Maniqueísmo no que diz respeito à problemática da origem do mal seria incompreensível sem a influência do pensamento neoplatônico, mais precisamente, a filosofia de Plotino. Em seu artigo *Plotinus in Magistro? A Antropologia Tricotômica e Dual da Regula Magistri*, Antônio Henrique Campolina Martins efetua um estudo minucioso da terminologia antropológica (*anima, corpus, spiritus*) demonstrando o quanto a ruptura para com o dualismo platônico alma e corpo efetuada no pensamento plotiniano está presente na *Regula Magistri*, e é um elemento capital para a elaboração do conceito de liberdade que constitui o cerne do pensamento ético de Agostinho.

Prosseguindo a pesquisa do prof. Antônio Campolina, Ricardo E. Brandão em sua contribuição *A Estrutura da Sensação na cognição sensível em Santo Agostinho*, demonstra que as instâncias, corpo e alma, estão imbricadas e cooperam de maneira harmoniosa e necessária para produzir o conhecimento sensível. O corpo não é mais um obstáculo, mas sim condição necessária para o conhecimento. A estrutura complexa da sensação se revela aqui como atenção da alma para com o corpo, atenção esta que tem como finalidade tirar a si mesma do estado de ignorância.

Malgrado esta revalorização da sensibilidade, em alguns aspectos ligados à corporeidade, Agostinho, como todo grande filósofo, permanece um pensador de seu tempo e sua influência se perpetuará durante séculos. Em sua contribuição *Sexualidade e Gênero no Pensamento Filosófico Cristão: Breve comparação entre concepções naturalistas e personalistas*, Luciano Caldas Camerino faz uma análise de grande pertinência para nossa atualidade da questão da sexualidade e do gênero no pensamento filosófico cristão. Ele demonstra que nosso filósofo e os que por

ele foram posteriormente influenciados, Tomás de Aquino em particular, tiveram da sexualidade e do gênero uma visão naturalista restringindo a sexualidade à reprodução. Esta visão perdurou até o século XX, isto é, até a emergência do Personalismo Ético Cristão.

Porém, as grandes inovações de Agostinho se dão no campo do discurso e da Antropologia. Dois artigos foram consagrados a estas problemáticas: Fábio Dalpra, em *A Fundamentação da Antropologia Agostiniana no De TRINITATE*, se apoiando sobre esta obra de maturidade procura discutir os diferentes conceitos que fundamentam a estrutura antropológica do tratado trinitário de Agostinho. Depreende-se de suas análises que a antropologia agostiniana se define por seu caráter dinâmico do ser humano. Sua visão preconiza a busca cognoscitiva, volitiva e racional do fundamento da existência. Trata-se de um movimento dramático de efetivação da existência. Em síntese, como afirma F. Dalpra em sua conclusão, a imagem trinitária composta pela memória, inteligência e vontade conflui no ato decisivo de aproximação ou afastamento de Deus (*ad Deum* ou *ab Deo*), e é precisamente na convergência de tais conceitos que se estabelece a estrutura de seu modelo antropológico.

Ricardo Reali Taurisano em seu estudo aprofundado intitulado *As provas da arte retórica: êthos, páthos, logos nas Confissões de Agostinho de Hipona*, procura mostrar através da análise desta tríade que a finalidade da retórica no discurso agostiniano transcende as funções clássicas, como construção de caráter, manipulação das paixões ou simples ornamento do discurso visando exclusivamente a persuasão e a agonística. Para evidenciar a originalidade de Agostinho Ricardo R. Taurisano efetua uma análise minuciosa da *Retórica* de Aristóteles. Os elementos retóricos no discurso Agostiniano assumem novas

funções: purificação, incitação do desejo e, sobretudo, elevação, o que o leva a concluir que sua finalidade é eminentemente propedêutica e filosófica.

Enfim, como conclusão deste volume da Revista de Ética e Filosofia Política da Universidade Federal de Juiz de Fora, Pedro Calixto F. Filho, em sua contribuição *A Ética como Articulação da Bondade e da Vontade do Humano e do Divino no Pensamento de Agostinho*, procura mostrar que a filosofia prática de Agostinho é inteiramente predeterminada pela articulação da ideia de bondade tanto ontológica quando ética, pois a criação é pensada como efusão do bem absoluto. Neste sentido, o ser e o bem, a existência e a bondade são inseparáveis. É o bem que penetra o âmago das criaturas e determina nelas o desejo de ser e de durar. Malgrado a finitude, implicando o mal como privação, a existência é um bem e a morte necessária à harmonia do todo. A verdadeira e única fonte do mal é a vontade humana. Ela é necessária, pois na impossibilidade do mal moral o homem seria privado de seu bem mais precioso que é a liberdade.

Pedro Calixto F. Filho